

O mecanismo enunciativo de conjunção no ato de aquisição da linguagem

Carmem Luci da Costa Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

clcostasilva@hotmail.com

Resumo. Este trabalho apresenta um estudo sobre aquisição da linguagem do ponto de vista da Teoria da Enunciação oriunda de Émile Benveniste. Com base no trabalho de Silva (2007), a aquisição da linguagem é concebida como um ato de enunciação constituído através do dispositivo enunciativo (eu-tu/ele)-ELE. Esse dispositivo é considerado como comportando os sujeitos (eu-tu), a língua (ele) e a cultura (ELE). Deste dispositivo, é destacada, para fins de análise da linguagem da criança, nesta proposta, a relação diádica de conjunção eu-tu, na qual a criança constitui uma realidade mútua com o outro, condição de ela preencher um lugar na estrutura da enunciação para se marcar como pessoa no discurso. Os dados analisados foram constituídos longitudinalmente a partir de filmagens da interação de uma criança com seus familiares. O período de coleta abrangeu a faixa etária dos onze meses aos três anos e quatro meses. A análise dos recortes enunciativos da criança evidencia a transversalidade da relação de conjunção eu-tu no ato aquisição da linguagem pela criança, pois, a cada nova estrutura linguístico-enunciativa que emerge na enunciação, esse dispositivo tem papel fundamental para a inscrição da criança na linguagem.

Abstract. This work presents a study on language acquisition from the point of view of Émile Benveniste's Theory of Enunciation. Based on the work of Silva (2007), language acquisition is conceived as an act of enunciation constituted through the enunciative device (I-you/he)-HE. This device is considered as comporting the subjects (I-you), langue (he) and culture (HE). In this proposal, in order to analyze a child's language, it is highlighted from this device the dyadic relationship of conjunction I-you, in which the child constitutes a mutual reality with the other, a condition for her to take up a place in the structure of enunciation to mark herself as a person in the discourse. The data analyzed was longitudinally constituted from recordings of interaction between a child and her relatives. The period of collection covered the ages from eleven months old to three years and four months old. The analysis of the child's enunciative clippings evidences the transversality of the relationship of conjunction I-you in the act of language acquisition by the child, once this device has a fundamental role in the child's inscription on language for each new linguistic-enunciative structure that emerges in enunciation.

Palavras-chave: enunciação; aquisição da linguagem; intersubjetividade

1. Considerações iniciais

Este estudo ancora-se na tese de doutorado de Silva (2007), que trata do fenômeno aquisição da linguagem no quadro teórico da Lingüística da Enunciação. Nesse sentido, o trabalho aqui proposto dialoga com os campos de *Aquisição da Linguagem* e de *Lingüística da Enunciação*, mais especificamente com as reflexões sobre *sujeito e linguagem* oriundas de Émile Benveniste. O diálogo entre os dois campos permite-nos conceber a aquisição da linguagem como um ato de enunciação constituído através do dispositivo enunciativo (*eu-tu/ele*)-*ELE*. Esse dispositivo é considerado como comportando os sujeitos (*eu-tu*), a língua (*ele*) e a cultura (*ELE*).

Em Silva (2007), mostramos o ato de instauração da criança na linguagem por meio da análise de dados longitudinais de uma criança dos onze meses aos três anos e quatro meses. A singularidade e os modos de enunciação característicos do ato de aquisição da linguagem da criança sob análise foram explicados através de três *operações enunciativas*: a de preenchimento de lugar enunciativo, a de referência e a de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso. Na primeira, ocorre a passagem do preenchimento de lugar enunciativo a partir do “outro” para o reconhecimento que esse lugar provoca no “outro”; na segunda, a passagem da atualização de uma referência mostrada para a referência constituída na língua-discurso e; na terceira, a passagem do uso discursivo de instanciação subjetiva por meio de formas e funções para um uso discursivo em que a enunciação constitui outra enunciação.

Neste trabalho, buscamos tratar, nos mesmos dados, da relação *diádica eu-tu* concebida aqui não somente como ligada à primeira operação enunciativa, a de preenchimento de lugar enunciativo, conforme aponta Silva (2007), mas como transversal ao ato de aquisição da linguagem pela criança. Por isso, mostramos o seu papel em momentos distintos de aquisição da linguagem, porque consideramos que, a cada nova estrutura lingüístico-enunciativa que emerge na enunciação, esse dispositivo tem papel fundamental para a inscrição da criança na linguagem.

2. Enunciação e aquisição da linguagem

A reflexão que apresentamos neste trabalho advém da pesquisa *O lugar da criança na estrutura da enunciação*, que se ancora nas bases teórica e metodológica propostas por Silva (2007). Tais bases, inspiradas no trabalho de Benveniste (1974/1989; 1966/1995) e nas releituras deste autor propostas por Flores (1999) e por Dufour (2000), apresentam o dispositivo enunciativo (*eu-tu/ele*)-*ELE* como constitutivo do ato de enunciação e do ato de aquisição da linguagem. Esse dispositivo é considerado como comportando os sujeitos (*eu-tu*), a língua (*ele*) e a cultura (*ELE*) e permite a este estudo destacar a *relação de conjunção eu-tu* para mostrar o papel que desempenha no ato singular de aquisição da linguagem.

Ao mapear o *campo Aquisição da Linguagem* epistemologicamente, a exemplo do que faz Bouquet (1997/2000) para o *Curso de Lingüística Geral*, Silva (2007) delinea as configurações discursivas que lhe são constitutivas e, a partir desse mapeamento, aponta a “falta” de uma concepção enunciativa em aquisição da linguagem, o que lhe permite propor outro olhar para enxergar o fenômeno aquisição da linguagem. Ao estudar a linguagem da criança no quadro teórico enunciativo de Émile

Benveniste, a autora concebe a aquisição da linguagem como um ato de enunciação e a enunciação como uma estrutura de aquisição da linguagem que comporta os sujeitos (a criança e o outro) e a língua. Nesse sentido, o mecanismo enunciativo aqui nomeado de *conjunção* ancora-se em duas noções, quais sejam: a de *intersubjetividade* de Benveniste (1974/1989, 1966/1995) e de *conjunção* de Dufour (2000).

A reflexão acerca do *sujeito na linguagem* proposta por Benveniste permite-nos considerar a existência de três instâncias simultâneas de funcionamento da *intersubjetividade*, quais sejam: uma *relação homem/homem* imersos na cultura, na qual estamos considerando a presença de uma *intersubjetividade cultural*; uma *relação locutor/alocutário*, na qual, segundo nosso ponto de vista, aparece uma *intersubjetividade da alocução ou dialógica* e uma *relação eu-tu* expressa pelas formas de pessoa no discurso, constituindo o que estamos chamando de *intersubjetividade lingüístico-enunciativa*.

Nos textos *Estruturalismo e lingüística* e *Semiologia da língua*, Benveniste (1974/1989) fala de uma *intersubjetividade* vinculada às relações humanas na sociedade, defendendo que o homem não nasce na natureza, mas na cultura. Com a concepção de que todo o mecanismo da cultura possui um caráter simbólico, o autor defende ser a ação sobre a língua “a chave da relação humana entre a língua e a cultura, uma relação de integração necessária” (Benveniste, 1974/1989, p. 24). Nesse sentido, considera que a criança apreende não uma faculdade “natural” de linguagem, mas o mundo do homem. Assim, a apropriação da língua está ligada ao conjunto de dados que ela traduz, visto tudo ser do domínio do sentido.

Desse modo, em Benveniste, a língua é sempre *mediação*, seja homem/sociedade, seja homem/cultura, seja homem/homem, uma vez que enfatiza serem as *relações intersubjetivas* a condição para a comunicação. Aqui, parece que estamos diante de uma *instância cultural*, visto a *intersubjetividade* estar centrada na condição humana de homem como ser falante na cultura. Relacionada à questão da aquisição da linguagem, nessa relação homem-homem, a criança ocupa uma posição *intersubjetiva* com “outro”, que, nesse caso, é representado pela figura do adulto. Tal posição, geralmente, é preenchida pelos pais, pois, como afirma o autor, “a criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens. São homens adultos, seus pais, que lhe inculcam o uso da palavra” (Benveniste, 1966/1995, p. 31).

Em *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste (1974/1989) salienta que, desde que nos declaramos como *locutor* e assumimos a língua, implantamos o outro diante de nós, qualquer que seja o grau de presença que atribuímos a esse outro. Por isso, toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário. A condição dessa mobilização é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, já que, “como forma de discurso, a enunciação coloca duas ‘figuras’ igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do *diálogo*” (Benveniste, op. cit., p. 87). O autor apresenta duas figuras na posição de parceiros e, alternativamente, protagonistas da enunciação, o que faz considerarmos, em sua reflexão, outra instância de intersubjetividade: *da alocução ou dialógica*.

A reciprocidade existente entre *eu* e *tu* constitui-se pelo caráter de *pessoa*, já que *eu* me torno *tu* na alocução daquele que por sua vez se designa por *eu*. Nesse sentido, “a

linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*” (Benveniste, 1966/1995, p. 286). Pela correlação de pessoalidade, *eu* e *tu* formam uma *unidade constitutiva*, porque estão juntos, na temporalidade do discurso, pela característica de *pessoa*, o que estamos marcando pela conjunção *eu-tu*. Trata-se aqui da *intersubjetividade lingüístico-enunciativa*.

Por essa correlação de pessoalidade de *eu* e de *tu* de Benveniste (1966/1995), Dufour (2000) esboça um dos aspectos que envolve a relação interlocutória, a *eternidade*. No diálogo, o *eu* assegura como pode a sua própria *presença*, que é alternada no tempo *presente*. Desse modo, a díade *eu-tu* faz com que possamos experienciar-nos mutuamente como co-presentes, que, definidos num “aqui” e num “agora”, instituem o espaço e o tempo do discurso como o momento em que *eu* fala a *tu*. Isso, para Dufour, é acompanhado por uma “esperança de presença eterna”, uma vez que, como o tempo presente é o tempo em que se fala e como este tempo em que se fala se desloca reflexivamente sempre que se fala, fala-se sempre no presente, o que reitera a expressão de Benveniste de *momento eternamente presente*. Tal questão evidencia, conforme Dufour, a natureza fugaz do *eu*, mas com ilusão de *eternidade*, contida na sua máxima: “*a eternidade está suposta na relação interlocutória*” (Dufour, 2000, p. 87). Por isso, enquanto suposta na e pela relação interlocutória, a eternidade é um dado fundamental da Lingüística da Enunciação. Nesse aspecto apontado por Dufour em sua releitura da obra de Benveniste, a *eternidade*, concebemos a existência da relação diádica de conjunção *eu-tu*. Assim, pela temporalidade, criança e outro constituem uma relação conjunta de pessoalidade *eu-tu*, formando uma *unidade constitutiva*

A reflexão desse aspecto de conjunção envolvido na relação intersubjetiva *eu-tu* constitutiva da enunciação possibilita-nos promover um deslocamento para o que também pode estar implicado na relação *eu-tu* envolvida no ato de aquisição da linguagem.

Concebendo com Milner (1987, p. 27) que a “completude da língua está presente em cada um dos sujeitos que falam”, acreditamos que a instauração da criança na linguagem deve-se às relações enunciativas constituídas entre o dizer da criança, visto como o lugar da *irregularidade*, e o dizer do outro, concebido como instância que comporta uma *regularidade* de língua. Nesse jogo, entra em cena, na aquisição da linguagem, toda a questão *intersubjetiva* constitutiva da língua em ação.

De fato, no ato de aquisição da linguagem, parece ser o diálogo mãe-criança o precursor das mudanças da relação do sujeito com a língua na aquisição da linguagem. O que esse diálogo instaura? Quais os efeitos da fala do outro, assumido geralmente pela mãe, diante do silêncio inicial da criança, instanciada como *eu*? Como se constituem as características de *inversibilidade/reversibilidade* e de *unicidade* específicas de *eu* e de *tu*? Nesse diálogo, como se constituem as referências e os sentidos em jogo no ato de enunciação e no de aquisição da linguagem?

Tomando a aquisição da linguagem como um ato de enunciação, consideramos fundamental a criança formar uma *unidade constitutiva* com o outro da sua alocação para preencher um lugar de enunciação, em que participa como *pessoa* (*eu*) numa realidade mútua com o *tu*. Com efeito, antes de querer significar o mundo ou co-referir

pelo discurso, o que é relevante para a criança, de início, parece ser essa relação prazerosa com os sons a que se entrega com prazer diante da sustentação do outro. Com isso, carrega o *tu* em seu apelo e instaura a “falta” de si própria na sua presença mesma. Nesse sentido, essa dominância do *eu* é, para Dufour, uma das características fundamentais de produção de um espaço de simbolização, determinando a assunção do indivíduo como sujeito falante. Já o outro, o *tu* da relação interlocutória na temporalidade do discurso, aceita a presença desse uso de linguagem como demanda de significação, tomando a fala da criança como instância de referência e possibilitando, enquanto *tu* da partilha, a co-referir no discurso. O movimento interpretativo do adulto põe em cena novas relações num jogo de ressignificação, jogo esse necessário à constituição da língua pela criança.

É pela conjunção *eu-tu* que a díade criança-outro instancia, de um lado, pela temporalidade, a língua no discurso (o *ele*) e, de outro lado, pela relação, o ELE (*cultura*), como o lugar em que ocorre o imbricamento da ordem da língua com a heterogeneidade enunciativa vinculada à singularidade dos sujeitos imersos na cultura. Assim, pela relação de conjunção presente na relação diádica *eu-tu* podemos vislumbrar o jogo de presença/ausência, chave da apreensão da linguagem pelo sujeito da aquisição da linguagem (o *eu*), que, pelo uso, e sobretudo pela relação com o outro (o *tu*), é constituído pela estrutura lingüística (o *ele*) ao mesmo tempo que a constitui, visto a *enunciação* comportar estruturas e criar estruturas. Nossos dados buscam mostrar justamente como, por meio da relação enunciativa de conjunção *eu-tu*, ocorrem movimentos da criança na estrutura enunciativa.

Em Silva (2007), salientamos o fato de o primeiro mecanismo, que comporta as operações de conjunção e de disjunção, constituir-se em condição dos demais, porque, através desse mecanismo, percebe-se que a criança habita um lugar na estrutura enunciativa. Convém também ressaltar que é sempre de (*eu-tu/ele*)-ELE que se fala, pois a criança, considerada locutor, está imersa na língua e mergulhada na cultura juntamente com seu alocutário. A relação *eu-tu* está sendo separada apenas para fins de análise com o propósito de evidenciarmos sua importância no ato de aquisição da linguagem. Sua anterioridade é lógica, não cronológica. De fato, em Silva (2007), a operação de *conjunção* foi separada para mostrar a sua função no ato de aquisição da linguagem num momento cronológico bastante precoce (a criança estava entre 11 meses e 1 ano e 1 mês). Neste estudo, quer se ressaltar a transversalidade da relação de *conjunção eu-tu* no ato aquisição da linguagem pela criança, pois, a cada nova estrutura lingüístico-enunciativa que emerge na enunciação, esse dispositivo tem papel fundamental para a inscrição da criança na linguagem. Por isso, evidenciamos a importância dessa operação em momentos cronológicos distintos da criança e em dados que apontam movimentos enunciativos diferenciados, uma vez que, em dois recortes enunciativos, a criança está na operação de *preenchimento de lugar enunciativo* e, em outro, está na *operação de inscrição enunciativa na língua-discurso*, com a inserção de outro locutor no seu discurso. A análise desses dados, conforme vemos na próxima seção, aponta para o papel fundamental da relação *diádica eu-tu* no ato de aquisição da linguagem.

3. A operação de preenchimento de lugar enunciativo: a relação de conjunção *eu-tu*

No mecanismo de *preenchimento de lugar enunciativo*, estão configuradas as relações de conjunção *eu-tu* e de disjunção *eu/tu*. Na relação de conjunção, o caráter de *pessoa* implica a constituição mútua de *eu* e de *tu*. Na relação de disjunção, o *eu* institui o *tu*, rompendo a unidade da relação *eu-tu* e constituindo-se como *pessoa subjetiva* em oposição a *tu*, *pessoa não-subjetiva*. Com esse primeiro mecanismo, ilustramos, em três recortes enunciativos, o papel da relação de conjunção para a criança operar movimentos na estrutura enunciativa.

No interior da relação diádica *eu-tu* (de conjunção), forma-se entre locutor (criança)/alocutário (outro) uma *unidade constitutiva*, configurada pela relação de *pessoa*, por meio da qual ocorre o *preenchimento de lugar enunciativo pela criança*. Esse lugar de enunciação é preenchido, nos dados analisados, de dois modos:

I- *Apresentação pelo eu de estruturas sonoras indistintas a partir da convocação do tu:*

Recorte enunciativo 1

Participantes: FRA (informante Francisca); MÃE e CAR (tia, filmando).

Data da entrevista: 15-09-2001

Idade da criança: 0;11.10

Situação: FRA está em sua casa, com os familiares. A MÃE e CAR (tia e entrevistadora) dialogam com ela a maior parte do tempo.

Com: FRA começa a jogar alguns brinquedos longe. Depois engatinha até outro local com brinquedo, pronunciando alguns sons. Após volta para onde estava, no meio dos brinquedos, e começa a morder um cabo de raquete. Em seguida, a MÃE começa a cantar uma música, imitando o andar do cavalo.

MÃE: como é que faz o cavalo?

Com: FRA começa a se sacudir.

FRA: ah ah

II- *Instanciação pelo tu de estruturas rotineiras da família para o eu, que preenche seu lugar enunciativo com gestos e verbalizações:*

Recorte enunciativo 2

Participantes: FRA (informante Francisca); MÃE e CAR (tia, filmando).

Data da entrevista: 15-09-2001

Idade da criança: 0;11.10

Situação: FRA está em sua casa, com os familiares. A MÃE e CAR (tia e entrevistadora) dialogam com ela a maior parte do tempo.

Com: FRA está no banho e a MÃE começa a cantar uma musiquinha.

MÃE: tau, tau, tiquitita tau, tau.

Com: FRA sorri.
 MÃE: tau, tau.
 Com: a MÃE tira FRA da água e ela começa a chorar.
 MÃE: vem.
 (...)
 Com: FRA, após o banho, está deitada em sua cama, toma a mamadeira e brinca com boneca. A MÃE alcança também um pente de boneca. Depois, FRA deita-se e, em seguida, tenta se levantar da cama.
FRA: hum, hum, hum tau, tau, qué, tau, tau.
MÃE: tau, tau.
FRA: [= acena com mão] tau, tau

Nessa operação de preenchimento de lugar enunciativo, em que a *relação diádica de conjunção eu-tu* lhe é constitutiva, encontramos duas micro-operações: 1) com estruturas sonoras indistintas, constituídas pelo *eu* a partir da convocação do *tu*, 2) com estruturas rotineiras da família, instanciadas pelo *tu*, em que o *eu* se vale de gestos com emissões verbais.

Vemos que a criança está na dependência do dizer do outro. É o adulto que fala, no sentido próprio da palavra. A criança, tomada como ponto de referência, mesmo alienada (aspecto da conjunção da díade *eu-tu*) ao outro, ocupa um lugar na estrutura enunciativa. Assim, o preenchimento de lugar na estrutura enunciativa se dá a partir do *tu*, na dependência do *tu*, em conjunção com o *tu*.

Essa operação aqui estudada – que envolve a relação diádica *eu-tu*, quanto ao aspecto de conjunção, deve ser pensada em uma dupla configuração:

- a) dominância ligada à temporalidade;
- b) a operação é constitutiva de outras.

Quanto a (a), trata-se do fato de a criança, pelo mesmo mecanismo em que se mostra alienada ao outro, também “testar” mecanismos de separação. Logo a relação *eu-tu*, caracterizada pelo traço de pessoa comum a *eu* e *tu*, contém a relação *eu/tu*, caracterizada pelo traço pessoa subjetiva de *eu* em oposição à pessoa não-subjetiva de *tu*. Nesse caso, o conjunto *eu-tu* tem, pela temporalidade, a possibilidade de *inversibilidade* constante, já que *tu* pode inverter-se em *eu* e *eu* pode tornar-se *tu*. Quanto a (b), trata-se do fato de esse mecanismo ser condição dos demais. A criança deve ocupar um lugar na estrutura da enunciação para que venha a enunciar. Esse lugar é, primeiramente, atribuído pelo outro. Isso poderia receber abrigo na formulação “a criança é falada pelo outro”¹. Ela é falada desde sempre, desde o lugar que ocupa na estrutura da enunciação. Se nenhuma palavra lhe é dirigida, é-lhe dificultado acesso a um lugar na estrutura da enunciação.

¹ Essa formulação “o sujeito é falado pelo outro” tem inspiração em Lacan (1981, p. 281), quando diz que “...o sujeito, pode-se dizer, é mais falado do que fala” num contexto em que estabelece a relação estrutural entre o desejo e o Outro como um “tesouro de significantes”.

Logo, uma teoria enunciativa da aquisição da linguagem coloca como primeiro ponto a observar o complexo mecanismo de conjunção entre *eu* e *tu*, em que as figuras enunciativas inversíveis da alocação têm como característica maior estruturar-se a partir das operações de antecipação de um lugar para a criança na estrutura da enunciação. Tal antecipação contém respostas possíveis a ela. É preciso descrever as operações enunciativas pelas quais a criança responde à antecipação que lhe é feita de um lugar na estrutura da enunciação. Sem dúvida trata-se de um mecanismo primordial, constituído por operações complexas a serem descritas em sua totalidade ainda.

Acreditamos que a *operação de preenchimento de lugar enunciativo pela criança*, por comportar a relação de *conjunção eu-tu*, é geral e necessária para o ato de aquisição da linguagem, envolvendo os movimentos particulares de cada sujeito de aquisição da linguagem. Por isso, defendemos a singularidade do modo como cada criança, na relação de conjunção, preenche esse lugar de enunciação.

Se nos recortes enunciativos anteriores, a criança manifesta estruturas enunciativas que se distanciam das estruturas da língua, no recorte a seguir, vemos ela se constituindo na língua-discurso, através da emergência, na enunciação, do discurso relatado. Novamente aqui a relação de conjunção *eu-tu* parece desempenhar papel fundamental para a criança constituir uma nova estrutura lingüístico-enunciativa, na qual uma enunciação comporta outra enunciação.

III- Recuperação da alocação anterior pelo *eu* através de indução do *tu*

Recorte enunciativo 3

Participantes: FRA (informante Francisca); CAR (tia, filmando e interagindo).

Data da entrevista: 18-11-2002

Idade da criança: 2;1.12

Situação: FRA está em sua casa. Conversa com CAR, brincando de telefonar e, depois, com suas bonecas.

FRA: não, tá besu papai besu [= ao telefone] @ **papai faô** [= fala com CAR]

CAR: **papai falô?**

FRA: **faô**

CAR: **o que qui ele te disse?**

FRA: **besu, tau**

CAR: beju, só issu?

FRA: só

O recorte enunciativo acima mostra um movimento bastante distinto dos apresentados nos recortes enunciativos 1 e 2, pois aqui a criança já constitui referências no discurso inclusive marcando-se como *eu*. Esse dado mostra, nos dados longitudinais observados, o primeiro movimento de Francisca para inscrever o outro no seu discurso. Para a criança instanciar essa nova estrutura na sintagmatização do discurso, destacamos o papel do outro e da *relação diádica de conjunção eu-tu*.

Nesse recorte enunciativo, temos uma situação na qual a criança da pesquisa simula uma conversa com o pai ao telefone. Após a simulação, Francisca enuncia ao outro da sua alocação: “papai faô”. O outro de sua alocação replica a enunciação sob a forma de pergunta: papai falô?. A criança repete: “faô”. E o outro pergunta: “o que qui ele te disse?”. E a criança diz “besu, tau”. O recorte mostra a criança preenchendo as estruturas da língua na sintagmatização do discurso devido às intervenções de outro, que lhe convoca a se instanciar no discurso e na língua.

De fato, a estrutura que emerge nessa enunciação é bastante complexa, pois requer a percepção de mudança de dois elementos constitutivos da enunciação: a *pessoa* e o *tempo*. Há aqui a dupla enunciação², pois temos momentos distintos com locutores diferentes. Na primeira enunciação, a criança está na posição de locutário e o pai, na de locutor. A referência é o que aparece na segunda enunciação (no relato) como “besu, tau”. Já na segunda enunciação, a criança constitui-se como locutor e instancia seu locutário (*tu*), representado empiricamente pela tia-pesquisadora. O locutor anterior (representado pelo pai) transforma-se em *ele* na segunda enunciação.

Além das pessoas, o tempo altera-se, pois o presente da segunda enunciação marca-se como passado na reconstituição da enunciação anterior por meio do relato. Ao mesmo tempo esse passado da enunciação atual constitui o presente em que *eu* fala a *tu*, delimitando o que foi presente e o que já não é mais. Portanto, é a relação *diádica de conjunção eu-tu* que possibilita à criança retomar a primeira enunciação, estabelecendo o jogo pessoal, temporal e referencial para recriar via discurso outra enunciação.

A análise desses recortes enunciativos nos permite produzir uma reflexão para dar conta da questão: “Qual o papel da *relação diádica eu-tu de conjunção* na passagem da criança de não-falante a falante de sua língua materna?” Se para Saussure (1916/2000, p. 21) “a língua é um “tesouro depositado pela prática de fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade”, consideramos que esse tesouro está no outro da alocação da criança e que a prática de fala constitui-se na história de enunciações da criança com os outros da sua alocação, pois conforme Dufour (op. cit.) uma alocação comporta outra anterior e projeta uma nova. Para que a criança adquira *o tesouro da língua* precisa ser-lhe dado um lugar de sujeito falante na estrutura da enunciação, em que pela inversibilidade próprias de *eu* e *tu* movimenta-se na enunciação, sendo constituída pela língua e constituindo língua. Vemos aqui o papel fundamental da relação de *conjunção eu-tu* para que a criança habite, pela enunciação, a estrutura da língua. A língua com suas formas e mecanismos é possibilidade para *eu* e *tu* se enunciarem. Do mesmo modo, a enunciação é condição para a existência da linguagem, lugar de constituição dos sujeitos.

A análise enunciativa da fala da criança mostra a instância de discurso constituindo o ato e concomitantemente fundamentando o sujeito em seu movimento singular de apreensão do sistema da língua (*ele*). Da constituição de um lugar para se enunciar com formas enunciativas distantes das formas da língua, conforme apontam os

² A expressão “dupla enunciação” foi inspirada em Ducrot (1984/1987), que a utiliza para referir o discurso relatado. Em nosso caso, estamos usando tal terminologia para descrever os casos em que o *eu* relata enunciações passadas ou projeta enunciações futuras.

recortes enunciativos 1 e 2, o locutor-criança, ajustando sentidos com o seu alocutário na enunciação passa a instanciar as formas da língua na sintagmatização do discurso, conforme vemos no recorte enunciativo 3. É a condição de intersubjetividade enunciativa tornando possível a língua-discurso e por conseguinte a constituição da criança como sujeito falante de sua língua materna.

4. Considerações finais

A análise de três recortes enunciativos de uma criança, acompanhada longitudinalmente dos onze meses aos três anos e quatro meses, mostra a transversalidade da *relação de conjunção eu-tu* no ato aquisição da linguagem pela criança, visto que, ao conceder um lugar para a criança na estrutura da enunciação, o outro da sua alocação possibilita a emergência de novas estruturas enunciativas, permitindo à criança constituir o *tesouro* língua. Nesse sentido, esse dispositivo tem papel fundamental para a inscrição da criança na linguagem.

Embora possamos prever a importância da *relação diádica eu-tu* como necessária à operação de preenchimento de lugar enunciativo pela criança e como transversal ao ato de aquisição da linguagem, o modo como essa relação diádica se atualiza nos diferentes atos de aquisição da linguagem é particular, porque cada ato de aquisição da linguagem põe em cena a singularidade de cada sujeito na estrutura da enunciação, em que os sentidos e formas produzidas constituem-se no próprio ato. Na verdade, acreditamos com Lichtenberg (2006) que a enunciação, ao materializar-se em frase, reconstitui frases virtuais, e isto revela que a intersubjetividade está na língua, quer como aquele que se enuncia num certo presente, quer como exercício daquele que, em determinada situação, muitas vezes imprecisa, pela passagem do tempo, promoveu uma sintaxe para a expressão de um sentido, sentido que, pelos sucessivos usos, é rememorado sempre que a atribuição de referência assim o quiser.

Cada locutor possui uma história de enunciações, por meio da qual constitui sua língua materna (*ele*) e o sistema de representações de sua cultura (*ELE*), estabelecendo-se, desse modo, como sujeito de linguagem. Portanto, consideramos a língua como uma instância intersubjetiva, já que suas formas têm existência por meio de ajustes de sentido produzidos na sintagmatização do discurso de *eu* e de *tu*. Preenchendo um lugar na enunciação, a criança mergulha na estrutura da língua, na qual está imersa desde sempre. E, para preencher esse lugar, importa ser significada como um sujeito de fala e ser-lhe dado espaço para se enunciar.

5. Referências bibliográficas

BENVENISTE, Émile (1966) *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

_____. (1974) *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BOUQUET, Simon (1997). *Introdução à Leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.

DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: _____. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

DUFOUR, Dany-Robert. *Mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LICHTENBERG, Sônia. *Sintaxe da enunciação: noção mediadora para reconhecimento de uma linguística da enunciação*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Tese de doutorado.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

SAUSSURE, Ferdinand. (1916) *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2000.

SILVA, Carmem Luci da Costa Silva. *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.